

PIBID E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UFG

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

**Organizadoras:
JAQUELINE ARAÚJO CIVARDI
MARIA DE LOURDES FARIA DOS SANTOS PANIAGO**



GOIÂNIA, 2016.



© 2016 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Todos os direitos quanto ao conteúdo deste material didático são reservados aos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP) GPT/BC/UFG

Civardi, Jaqueline Araújo.

C582p PIBID e formação de professores na UFG: pressupostos teóricos e experiências vividas [recurso eletrônico] / Jaqueline Araújo Civardi, Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago. – Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 317 p.

E-Book

ISBN 978-85-68359-81-5

1. Educação - Formação de professores. I.

Paniago, Maria de Lourdes Faria dos Santos. II. Título.

CDU 37.018.43:004

Universidade Federal de Goiás

Avenida Esperança s/n, Campus Samambaia - CEP 74690-900

Goiânia - Goiás - Brasil - Fone: +55 62 3521-1000



A ENTREVISTA COMO POSSIBILIDADE DE RENOVAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DA FILOSOFIA¹⁶

Joaquim Onofre Silva Neto

Bolsista de Iniciação à Docência

Pibid Filosofia/UFG Goiânia

Apresentamos aqui os resultados de uma experiência por meio da qual utilizamos a entrevista como ferramenta pedagógica nas aulas de filosofia. O interesse por essa experimentação foi motivado por um fenômeno bastante comum nas aulas de filosofia: a relação entre ensino de filosofia e gênero textual. Apesar de existir uma quantidade variável de gêneros textuais em filosofia, tais como o aforismo, a carta, o tratado, o ensaio etc., apenas alguns desses gêneros são trabalhados nas aulas de filosofia. A entrevista, por exemplo, quando não é negligenciada, tende a ser abordada de forma vaga na sala de aula, tratada ora como um gênero textual menor da filosofia, ora como um gênero textual alheio ao seu corpo teórico.

Além disso, há de se destacar que a escolha de determinados trechos ou fragmentos filosóficos, tal como é efetuada pelos professores de filosofia, parte de critérios que, muitas vezes, evidenciam a crença, alimentada por esses mesmos professores, de que existem certos gêneros textuais com uma capacidade maior de traduzirem mais fielmente o pensamento filosófico. No entanto, é necessário compreendermos que a leitura dos textos ditos “filosóficos” não garante que o leitor esteja realmente fazendo uma leitura filosófica.

Não se pode esquecer que [...] uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são filosóficos; pode-se ler textos filosóficos sem filosofar e ler

¹⁶Trabalho realizado no Colégio Estadual Pré-Universitário (Goiânia-GO), escola em que atuei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/Capes, no período de abril a dezembro/2012, sob a orientação de Carmelita Brito de Freitas Felício, coordenadora de área do PIBID-Filosofia na UFG (Campus Goiânia) e professora na Faculdade de Filosofia da UFG.

filosoficamente textos jornalísticos, artísticos, políticos etc. Essa leitura não se caracteriza pela simples aplicação de metodologias de leitura e análise de texto, pela reconstrução de um imaginário oculto que ultrapassa a literalidade. A apreensão daquilo que o texto enuncia exige que se compreenda como se produzem os enunciados (FAVARETTO, 2004, p. 50).

Nesse sentido, a proposta do nosso trabalho buscou sondar como os alunos reagiriam diante de gêneros textuais diferentes daqueles trabalhados à exaustão pelos professores de filosofia, orientados geralmente pelos modelos textuais utilizados em manuais didáticos, com a preocupação de instituir novas práticas pedagógicas no ensino de filosofia. Optamos pela entrevista como gênero textual, pois,

a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p. 8).

Desse modo, podemos dizer que esse gênero textual constitui um espaço de ensino-aprendizagem significativo, capaz de superar o velho esquema avaliativo da educação tradicional, baseado na relação professor-aluno, intermediada pela aula expositiva. Diferentemente desse modelo, na entrevista o que ocorre é o diálogo, e este aparece ausente de distinções entre seus participantes, pois “ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios” (MEDINA, 2002, p. 8).

Ademais, a entrevista nunca deve ser encarada como um evento que é enclausurado em si mesmo, pois sua dimensão e liberdade residem na contingência intrínseca ao encontro, ou seja, a entrevista é capaz de subverter o esperado porque tanto o entrevistado quanto o entrevistador são universos de experiências singulares, portadores de uma complexa história individual. Desse modo, no instante em que essas vivências distintas são confrontadas, tanto pode ocorrer que as expectativas de um se encaminhem em direção às do outro, quanto pode acontecer que elas não se

correspondam de forma alguma. De acordo com Motta (1994), isso ocorre porque as entrevistas:

[...] vão mais além, não só por conduzirem ao impenetrável mundo das emoções (paixões, ambições, ódios, ressentimentos) – particularmente difícil de ser determinado no discurso racionalizante da burocracia – mas também por desvendarem sua “cultura interna”, configurada em valores, representações e atitudes (MOTTA, 1994, p. 69).

Assim, quando afirmamos que a entrevista é o espaço do diálogo, embora exista ali alguém que discursa e outro que se põe a escutar, devemos subentender que esses papéis não são permanentes e que eles tendem a se trocar com certa frequência. Podemos dizer, então, que os agentes envolvidos na entrevista são ao mesmo tempo ouvintes e falantes. Contudo, nem sempre essa é a realidade encontrada nas salas de aula. Ali acontece por vezes, antes, a situação de um monólogo do que a de um diálogo. De acordo com a diferenciação proposta por Medina (2008),

[...] o diálogo é democrático, o monólogo é autoritário. O primeiro interpreta as vozes dos grandes movimentos populares do século XX; o segundo satisfaz ao jogo da livre expressão, plataforma do liberalismo, nos séculos XVIII e XIX (p. 7).

Outro ponto a ser considerado é que tanto o entrevistado quanto o filósofo trabalham com formulações de questões. Certamente, não podemos afirmar que as perguntas elaboradas por um repórter são do mesmo tipo daquelas feitas por um filósofo, mas é completamente possível afirmar que ambos entendem como é importante aprender a perguntar. Ora, é justamente essa característica em comum que deve ser salientada, uma vez que é por meio dela que a entrevista pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para o ensino da filosofia, principalmente através do intuito de despertar no aluno o interesse pela arte de fazer perguntas.

Para tanto, na tentativa de afastar o que é propagado pela tradição no ensino de filosofia, nosso trabalho teve como proposta metodológica transmitir o pensamento de

um(a) pensador(a) tanto a partir de suas entrevistas quanto por meio das entrevistas realizadas com os estudiosos desse(a) autor(a). Assim, a escolha de Hannah Arendt para a realização dessa experiência não foi casual, pois, além de ser uma pensadora contemporânea, o que a afasta da lista canônica dos autores que são ordinariamente estudados nas aulas de filosofia, Hannah Arendt também assinalou a importância do diálogo para a convivência humana.

Assim, nosso trabalho foi realizado com um grupo de três alunos do Colégio Estadual Pré-Universitário (antigo COLU), localizado na região central de Goiânia. Nossos encontros ocorreram durante todas as quintas-feiras com uma duração média de 45 minutos, no auditório da referida escola, ao longo do ano de 2012. Nosso plano de trabalho foi dividido em quatro etapas: contextualização histórica, aprendizagem conceitual, elaboração da pauta da entrevista e a entrevista propriamente dita, realizada com a jornalista Rosângela Chaves¹⁷, editora do *Magazine*, um dos cadernos do jornal *O Popular* integrado à Organização Jaime Câmara. Desse modo, a primeira atividade foi a organização de uma linha do tempo, na qual foram situados tanto os elementos mais relevantes da vida pessoal de Hannah Arendt quanto os fatos mais importantes da história mundial ocorridos durante os anos de existência dessa pensadora. Com isso, além de os alunos terem tido um primeiro contato com a autora, também puderam visualizar o contexto histórico ao qual a autora pertenceu. Ademais, essa etapa foi crucial porque forneceu elementos fundamentais para a formulação das perguntas que foram utilizadas na entrevista.

Após essa primeira etapa, começamos a trabalhar tanto com entrevistas concedidas por Hannah Arendt quanto com entrevistas de estudiosos dessa autora. Ora, em virtude de a entrevista não raro estar destinada ao grande público, as ideias do entrevistado são quase sempre tratadas com uma linguagem mais acessível. Acreditamos que isso contribuiu significativamente para a aprendizagem dos alunos, de uma maneira mais proveitosa do que se fossem utilizados trechos das obras clássicas de Hannah Arendt. Isto porque o nível de abstração dos conceitos

¹⁷ Rosângela Chaves é formada em Jornalismo pela UFG e em Direito pela PUC-Goiás. É mestre em Filosofia pela UFG e autora do livro: *A capacidade julgar – um diálogo com Hannah Arendt* (Goiânia: Ed. da PUC-Goiás; Cãnone Editorial, 2009).

elaborados em tais obras geralmente é de difícil compreensão para os iniciados. Desta maneira, a cada momento que um conceito arendtiano importante aparecia em uma entrevista, este era analisado gradualmente, de um nível mais simples ao mais complexo.

Em seguida, partindo de uma análise das entrevistas lidas por nós, discutimos como seriam elaboradas as perguntas para a pauta da entrevista. Ao lado de observarmos como essas entrevistas se estruturavam, também notamos o modo de elaboração de cada pergunta e como isso poderia nos auxiliar na formulação de novas perguntas. Após sanar as dúvidas que ainda persistiam, seis perguntas foram selecionadas para compor a seguinte pauta:

1. Formada em Direito pela PUC-Goiás e em Jornalismo pela UFG, você também concluiu, também pela UFG, o Mestrado em Filosofia, desenvolvendo uma pesquisa em Hannah Arendt que resultou no livro *A capacidade de julgar: um diálogo com Hannah Arendt*. Como surgiu o seu interesse por essa autora e pelo tema de seu livro?
2. Quais são as contribuições de Hannah Arendt para nos ajudar a pensar o problema do mal?
3. Segundo Hannah Arendt, violência e poder são conceitos distintos e até mesmo contrários. Você concorda com essa posição?
4. Quais são as contribuições que Hannah Arendt trouxe para entender melhor o totalitarismo?
5. É correto dizer, como a grande mídia anda afirmando ultimamente, que os governos fundamentalistas do Oriente Médio são também regimes totalitários?
6. Hannah Arendt escreveu um livro intitulado *Homens em tempos sombrios*. Você acredita que a humanidade ainda está vivendo em tempos sombrios? Por quê?

Com a pauta em mãos, dirigimo-nos até a Organização Jaime Câmara para realizar a entrevista com Rosângela Chaves. Ela nos recebeu na sala de reuniões do departamento de editoração do jornal *O Popular* e foi ali que cada um dos nossos três alunos direcionou duas perguntas à jornalista, as quais resultaram em respostas que geraram quase uma hora de gravação de áudio. Os trechos mais significativos da entrevista foram transcritos e, a partir dessa transcrição, os alunos montaram uma apresentação em *PowerPoint* e a exibiram em sala, para seus colegas de classe, professores do colégio e nós, bolsistas do PIBID.

A experiência vivida no COLU contribuiu não só para a aprendizagem dos principais conceitos de Hannah Arendt pelos alunos, mas, principalmente, para a

renovação de práticas de ensino que possibilitam desconstruir a imagem da filosofia como uma disciplina desnecessária, cansativa e monótona. Acreditamos que outros gêneros textuais devem ser explorados como ferramenta pedagógica para o ensino da filosofia, com o intuito de contribuir, de um lado, para a consolidação da presença da disciplina no currículo do ensino médio e, de outro, para qualificar a educação filosófica de nossos jovens.

Rererências

ARENDDT, Hannah. “O que fica? É a língua materna que fica” (Entrevista com Günter Gaus). In: ARENDT, Hannah. *Compreensão e política e outros ensaios (1930-1954)*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2001; p. 11-40.

FAVARETTO, Celso. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter O. (Org.). *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JARDIM, Eduardo. *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2011.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.

MOTTA, Marly Silva da. Em nome da independência, da neutralidade e da competência: os depoimentos de Octavio Gouvêa de Bulhões e de Denio Nogueira. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

